

BUSCA  
POR  
CORPO  
HISTÓRICO

Foto mostra o alferes Jesse Brown, primeiro piloto negro da Marinha dos EUA, que morreu depois que seu avião caiu na Coreia do Norte em dezembro de 1950. Colega de Brown, o tenente Thomas Hudner

fez um pouso forçado na tentativa de salvar o companheiro preso nas ferragens, mas não conseguiu. Hoje, Hudner volta à Coreia do Norte na esperança de encontrar o corpo de Brown na área da queda.



## SPRINGSTEEN E O SHOW DA LIBERDADE

O cantor americano Bruce Springsteen, durante show realizado em 19 de julho de 1988 em Berlim Oriental. Há 25 anos, Springsteen tocou para uma multidão de cerca de 300 mil alemães orientais sedentos por

liberdade e, hoje, historiadores acreditam que o espetáculo pode ter ajudado no processo que levou à queda do Muro de Berlim um ano depois. Aquele verão europeu, já considerado histórico, é tema de novo livro e documentário.

MARTIN VON WAGNER MUSEUM/UNIVERSIDADE DE WÜRZBURG



**Exemplo.** Imagem em vaso etrusco do século VI a.C. mostra a fabricação de vinho com prensa igual à encontrada em Lattara

VINHO FRANCÊS,  
RECEITA ITALIANA

Estudo comprova que gauleses, antigos habitantes da França, aprenderam a arte da viticultura com os etruscos, povo que ocupava a Toscana, pelo menos 400 anos antes de Cristo

CESAR BAIMA  
cesar.baima@oglobo.com.br

Hoje sinônimos de qualidade e sofisticação na viticultura, os franceses aprenderam esta arte com os italianos mais de 400 anos antes de Cristo. A descoberta, com o potencial de acirrar a rivalidade entre dois dos maiores e mais tradicionais países produtores da bebida no mundo, é resultado de um extenso estudo realizado pelo arqueólogo biomolecular Patrick McGovern em artefatos encontrados no sítio de Lattara, no litoral Sul da França, e publicado em uma edição recente do periódico científico "Proceedings of the National Academy of Sciences" (PNAS).

Apelidado como "Indiana Jones do álcool", McGovern é um dos pioneiros de uma nova ciência que usa bebidas e alimentos para retrair, e recontar, os rumos da expansão da civilização no mundo antigo. No seu laboratório de arqueologia biomolecular no Museu da Universidade da Pensilvânia, ele conduz minuciosas análises de ânforas, vasos e outros delicados recipientes e artefatos de milhares de anos atrás em busca de pistas sobre seus conteúdos e usos, lançando uma nova luz sobre os hábitos e intercâmbios comerciais e culturais dos povos que os fabricaram.

— O álcool teve e tem um papel importante na cultura humana em geral, especialmente bebidas com maior teor alcoólico, como o vinho — diz. — As bebidas alcoólicas fazem parte de muitos aspectos da nossa vida, sejam culturais, religiosos ou sociais, carregando grande valor simbólico. Além de servir como desinibidor social, o álcool tinha um lado misterioso para os homens antigos, já que o processo de fermentação em si é algo que não entendíamos até

recentemente, com o surgimento da química moderna. Para um homem antigo, isso parecia mágico ou milagroso, como se uma força sobrenatural estivesse atuando ali.

## PRENSA FOI PROVA DEFINITIVA

Os artefatos encontrados pelos pesquisadores no sítio de Lattara — próximo à cidade francesa de Lattes, na costa do Mediterrâneo — mostram que os gauleses, antigo povo celta que ocupava a França, mantinham uma forte ligação com os etruscos, habitantes do que é atualmente a região da Toscana, na Itália. Lá, os arqueólogos desenterraram, no que aparentemente foi o armazém de um comerciante, dezenas de ânforas, datadas de entre 500 a.C. e 475 a.C., com formato típico das feitas pelos etruscos. Testes realizados por McGovern e sua equipe comprovaram que elas foram usadas para armazenar vinho. A bebida, no entanto, podia simplesmente ter sido importada.

Assim, foi apenas com outro achado, uma prensa também similar à dos etruscos, datada de 425 a.C., que veio a prova definitiva de que os gauleses já produziam seu próprio vinho então. Desenterrada há alguns anos, os arqueólogos não sabiam se ela era usada para esmagar uvas para o vinho ou azeite para fabricar azeite, dúvida esclarecida pelas análises químicas e botânicas do grupo de McGovern.

— Esta prensa é a evidência mais antiga que já obtivemos de que os celtas nativos da França, ou gauleses, faziam seu próprio vinho e que essa viticultura teve forte influência, e no início talvez até a tutela, dos etruscos — afirma o arqueólogo. — Ela é um dos mais importantes artefatos cujo uso específico a arqueologia biomolecular revelou, pois



Prova. A prensa do sítio de Lattara

## EMBRIAGUEZ HISTÓRICA

## 7.000 a.C.

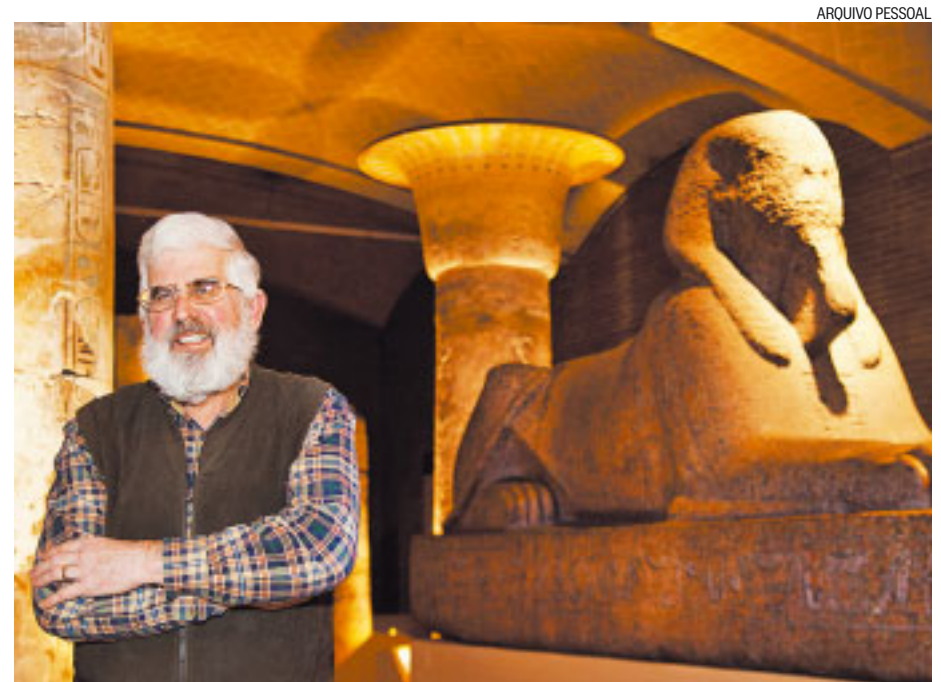
Potes de cerâmica encontrados em Jihau, no vale do Rio Amarelo, China, guardam os mais antigos vestígios de uma bebida alcoólica, um fermentado de arroz, mel e frutas.

## 5.400 a.C.

É desta época que datam as primeiras evidências químicas de um vinho, encontradas em jarros de uma "cozinha" de uma casa neolítica em Hajji Firuz, nas montanhas Zagros, Irã.

## 3.400 a.C.

De um jarro desenterrado nas mesmas montanhas do Irã, em Godin Tepe, foram achados os restos mais velhos de uma cerveja de cevada do mundo,



Patrick McGovern. "Indiana Jones do álcool" usa as bebidas para recontar a História

o mesmo tipo de prensa também podia ser usada para fazer azeite.

Segundo McGovern, com o comércio de vinho também navegavam nas rotas do antigo Mediterrâneo hábitos sociais, crenças e inovações tecnológicas que foram se espalhando por toda a região.

— A expansão do consumo do vinho pelo Mediterrâneo teve um papel importantíssimo no desenvolvimento das civilizações da região — comenta. — De início, o vinho era uma bebida especial, destinada às classes altas e frequentemente dado como presente de um rei para outro. Mas à medida que as classes dominantes, a nobreza, foram conquistadas pela bebida, o povo também passou a ansiar por ela. Eventualmente, esta cultura receptora percebia que podia fazer seu próprio vinho e criava uma indústria em torno dele, absorvendo outras tecnologias na fabricação de cerâmicas, na metalurgia, e também traços culturais e religiosos.

Mas embora tenham aprendido a fazer vinho com os italianos, os franceses atingiram o atual nível de sofisticação na viticultura por conta própria, destaca McGovern. Segundo ele, séculos depois da introdução da bebida na sua cultura pelos etruscos, já na Idade Média, monges na região da Borgonha realizaram experimentos que deram origem a muitas das mais nobres uvas usadas atualmente, assim como métodos de plantio e tratamento das videiras.

— Não sabemos o quão rapidamente o vinho se espalhou pela França e ainda temos muito a descobrir sobre isso, mas os franceses gostaram tanto do vinho que a bebida se enraizou na sua cultura — conta. — Por alguma razão, os franceses desenvolveram uma grande sensibilidade para as diferenças de sabor e aroma nos vinhos, ficando ob-

cecados em obter o melhor que pudessem com o que tinham disponível nas suas regiões. Assim, nos mosteiros cistercienses da Borgonha da Idade Média, os monges criaram novas variedades de uvas e plantaram as vinhas em diferentes lugares, descobrindo as melhores áreas e métodos para obter os melhores frutos com base na quantidade de luz, água e outros fatores.

## INFORMAÇÕES ANTES INALCANÇÁVEIS

Apesar do apelido de "Indiana Jones do álcool", que classifica como glamoroso e lisonjeador, McGovern lembra que as pesquisas em arqueologia biomolecular não se restringem ao vinho e sequer às bebidas alcoólicas. Pelo seu laboratório, e outros espalhados pelo mundo, também passam artefatos para armazenagem, preparação e serviço de alimentos, assim como recipientes de remédios, que, acredita, muito podem revelar sobre as civilizações antigas e suas relações.

— Buscar pistas sobre a nossa História com a arqueologia biomolecular, especialmente em torno das bebidas alcoólicas, sem dúvida nos ajuda muito a entender o que nos faz humanos — diz. — Creio que no futuro vamos descobrir ainda mais coisas sobre nós com estes tipos de estudos, não só sobre o vinho mas outras bebidas, comidas e até remédios, já que qualquer material orgânico pode servir de base para pesquisas. Com a arqueologia biomolecular, podemos usar não apenas a evidência física dos artefatos, mas também para que eles eram usados, para recontar a História das relações entre os povos do mundo antigo, tornando-a uma nova e poderosa ferramenta de estudo por nos dar acesso a informações históricas que antes eram inalcançáveis. ●